

Brasil já esteve do outro lado da mesa de negociação

Banqueiros credores, governos credores, fiscais do FMI, Clube de Paris. A dívida externa de US\$ 100 bilhões mantém o Brasil acossado, sem margem de manobra sequer para resolver seus conflitos internos. Mas o que pouca gente sabe é que o País também teve seus momentos de credor: mais recentemente quando o Clube de Paris se reuniu para reescalonar os débitos da Polônia e em 1947, quando emprestou dinheiro à Inglaterra, num acordo bem favorável aos britânicos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil acumulou na Inglaterra reservas de 65 milhões de libras, equivalentes, na época, a US\$ 260 milhões. Receber as libras devidas não foi tarefa das mais fáceis. Como os ingleses hoje, o Brasil naquela época também não se sensibilizou com a situação da Grã-Bretanha, mas aceitou como parte do pagamento empresas inglesas de serviço público em território nacional, como a Estrada de Ferro Leopoldina. Além disso, negociou a venda da embaixada brasileira em Londres por 500 mil libras.

Nos três meses que passou em Londres, o ex-presidente da Comissão Valores Mobiliários e atual assessor do Banerj, Herculano Borges da Fonseca, membro da comissão que negociou o empréstimo, leu nas



páginas de jornais britânicos apelos para que o Brasil considerasse a situação pós-guerra da Inglaterra.

As negociações foram difíceis. Os ingleses relutavam em pagar e lançavam mão de um argumento retórico: o acordo tinha sido assinado no início da guerra pelo Ministro das

Relações Exteriores e não pelo Chancler do Erário inglês, e portanto não tinha validade comercial, por isso era mais fácil de ser descomprido. Este acordo previa a venda para o Brasil dos equipamentos e matérias-primas industriais inglesas que o País tanto precisava para seu desenvolvimento.

O razão do empréstimo foi a precária situação da Inglaterra motivada por seu envolvimento na segunda Guerra Mundial. Com este conflito os britânicos se viram privados de parte de seu intercâmbio comercial, não tinham como exportar seus equipamentos e, principalmente, precisavam importar grande quantidade de alimentos. Como a maioria dos países industrializados estava envolvida na guerra, restava às na-

ções do Terceiro Mundo, com uma economia basicamente agrícola, a tarefa de abastecer os europeus. Em troca, esperavam comprar bens de capital necessários ao seu desenvolvimento industrial.

Com isso, o Brasil acumulou na Inglaterra cerca de 20 milhões de li-

bras, nos primeiros anos da guerra. Só que internamente estas libras eram convertidas em cruzeiros, e entregues aos exportadores; como não havia importações para converter estes cruzeiros em libras houve uma grande aumento da circulação da moeda no país.

Depois do acordo, as reservas brasileiras na Inglaterra pularam para 45 milhões de libras. Internamente a inflação aumentava, na medida em que não havia conversão de cruzeiros para libra. Foi neste momento que a guerra acabou e que o Governo brasileiro foi notificado de que suas reservas em libras não poderiam ser usadas.

Diante desse impasse, o diretor-executivo da superintendência da Moeda e do Crédito, antigo Banco Central, José Vieira Machado, viajou para Londres levando na bagagem a decisão do Governo brasileiro de suspender a conversão de libras em cruzeiros pelo Banco do Brasil. Ele tentaria também negociar com os ingleses o desbloqueio dos saldos comerciais. As duas decisões partiram do Ministro da Fazenda do Governo Dutra, Pedro Luiz Correa e Castro.

Ao final de três meses, tudo o que o Brasil tinha conseguido era a liberação de três milhões de libras, ou seja, menos de 10 por cento do total da dívida.